

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ANÁLISES SOBRE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS EM OFERENDAS A IEMANJÁ EM TRAMANDAÍ (RS)

Antonio Carlos Venancio Aniceto¹

Tatiane Melissa Scoz²

Resumo: Após as festas de Iemanjá, ficam acumulados nas praias materiais inorgânicos que poluem a natureza. Neste sentido, este estudo buscou analisar os materiais utilizados nessas festas, especificamente, em Tramandaí (RS), em 02 de fevereiro de 2019. Além da saída técnica, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e a aplicação de um questionário aos adeptos de terreiro. A pesquisa apresenta recursos da Educação Ambiental em prol da mudança de comportamento em indivíduos praticantes de religiões afro-brasileiras. Observou-se que há uma lacuna em meio à teoria e à prática nos rituais afroreligiosos e as atitudes ambientalmente inadequadas nas festas de Iemanjá antagoniza a ideia de divindades imanentes. O enfraquecimento da relação homem-natureza pode ter origem em diversos fatores sociais, culturais e religiosos.

Palavras-chave: Religiões Afro-brasileiras; Educação Ambiental; Festas de Iemanjá; Educomunicação; Cosmovisão.

Abstract: After the Iemanjá festivities, inorganic materials that pollute nature are accumulated on the beaches. Thus, this study investigates the materials used in these festivities, specifically in Tramandaí (RS Brazil), on February 2, 2019. In addition to the technical output, a bibliographic search was carried out and a questionnaire was applied to the followers of the *terreiro* (meeting places). The research presents Environmental Education resources in favor of behavior change in individuals practicing Afro-Brazilian religions. It was observed that there is a gap through the theory and practice in Afro-religious rituals and environmentally inappropriate attitudes in Iemanjá parties antagonizes the idea of immanent deities. The weakening of the man-nature relationship can arise in different social, cultural and religious factors.

Keywords: Afro-Brazilian Religions; Environmental Education; Iemanjá Festivities; Educommunication; Worldview.

¹ Instituto Federal de Santa Catarina. E-mail: profissionaltony@gmail.com

² Instituto Federal de Santa Catarina. E-mail: tatiane.melissa@ifsc.edu.br

Revbea, São Paulo, V. 17, Nº 2: 546-566, 2022.

Introdução

A poluição marinha é um dos problemas mais preocupantes do planeta. A Educação Ambiental Crítica tem o objetivo de construir mudanças de comportamento na sociedade despertando o indivíduo para a consciência ecológica livre dos mecanismos de dominação social, como aponta Guimarães (2000, p. 17):

Em uma concepção crítica de Educação Ambiental, acredita-se que a transformação da sociedade é causada em consequência da transformação de cada indivíduo, há uma reciprocidade dos processos no qual propicia a transformação de ambos.

Utilizada em paralelo à Educação Ambiental Crítica, a Educomunicação direciona o comportamento ecológico dentro dos costumes, hábitos culturais, percepção de natureza e da visão de mundo de cada indivíduo.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2019), a Educomunicação “[...] tem como objetivo proporcionar meios interativos e democráticos para que a sociedade possa produzir conteúdos e disseminar conhecimentos, através da comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade”.

Como ferramenta da Educação Ambiental, a Educomunicação pode contribuir para a conscientização ecológica dentro das religiões afro-brasileiras.

Os cultos religiosos afro-brasileiros se comunicam com o sagrado por meio de ofertas aos deuses realizadas dentro dos espaços naturais e urbanos. Contudo, a relação dos adeptos com o meio ambiente gera resíduos sólidos nesses lugares e, por isso, é preciso desenvolver métodos que diminuam o descarte de materiais poluentes na natureza.

O pesquisador da presente pesquisa é Babalorixá³ e possuiu 20 anos de vivência dentro das religiões afro-brasileiras do Candomblé, Umbanda e Quimbanda e percebeu, por experiência e observação, que existem comportamentos ecologicamente inadequados dentro de alguns rituais.

A partir da concepção de que os Orixás são ligados às forças da natureza, chegamos à significativos questionamentos: se as divindades são forças da natureza, por que muitos afroreligiosos não têm comportamentos ecológicos⁴ quando praticam seus rituais? Os adeptos dessas religiões reconhecem a importância da manutenção da natureza para a continuidade do culto?

³ Líder espiritual de religiões de Matriz Africana; Pai de Santo.

⁴ Ações baseadas em valores de preservação do meio ambiente.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é investigar o motivo da despreocupação ambiental de uma parte dos indivíduos praticantes das religiões afro-brasileiras.

Para chegar ao objetivo geral da pesquisa foi realizado 3 ações principais: A aplicação de um questionário em adeptos de terreiro, uma visita técnica na festa de Iemanjá na cidade de Tramandaí e uma pesquisa bibliográfica sobre religiões afro-brasileiras e cosmovisão. Depois apresentamos maneiras biodegradáveis de realizar as oferendas.

As religiões afro-brasileiras se relacionam com a natureza por meio de oferendas ou ebós (comidas e sacrifícios), que nas festas de Iemanjá são depositadas, com maior intensidade, dentro do mar e na zona entre as marés.

As oferendas podem ter diversas funções ritualísticas e são maneiras de conexão com o sagrado. Contudo, e este fato é irrevogável, é que as oferendas podem poluir o ambiente natural.

Partindo do pressuposto de que existem maneiras biodegradáveis de realizar as mesmas oferendas (como se mostrará adiante), ideias menos agressivas à natureza são extremamente importantes de serem discutidas e postas em prática por um motivo central: a poluição marinha.

Nossa preocupação com as oferendas depositadas no mar para Iemanjá é genuína, uma vez que elas se dispersam com as correntes marinhas e geram consequências à biodiversidade. O microplástico, por exemplo, está impactando na biodiversidade e em diversos níveis da cadeia trófica:

Eles já foram encontrados não apenas no ar que se respira, em ambientes terrestres, marinhos e reservas de água doce, mas também na água de torneira e engarrafada, no sal marinho, no mel, na cerveja, nos frutos do mar e em peixes consumidos pelo homem e, por consequência, nas fezes humanas (JONES, 2019).

Dentro das oferendas realizadas na festa de Iemanjá podem ser encontrados diversos tipos de resíduos sólidos orgânicos e inorgânicos. Esse estudo, analisou somente os resíduos inorgânicos encontrados na festa de Iemanjá.

Para classificar um resíduo como sólido, neste estudo, usou-se a definição presente no Inciso XVI, do Art. 3, da Lei 12.305, de 2 de agosto de 2010, da Política Nacional de Resíduos Sólidos:

Resíduos sólidos: material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas

particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível (BRASIL, 2010, art. 3, p. 1).

Neste sentido, o pesquisador empenhou-se em investigar possíveis variáveis influenciadoras do processo comportamental da comunidade religiosa em relação às oferendas. Por isso, para a pesquisa, foi realizada a aplicação de um formulário no *Google Forms* composto por 10 perguntas abertas, em 17 adeptos de terreiros.

Devido à forte influência das religiões afro-brasileiras em todo o estado do Rio Grande do Sul e à forte tradição das festas de Iemanjá em todo o seu litoral, foi escolhida a cidade de Tramandaí para realizar a visita técnica. O município recebe, anualmente, uma grande quantidade de adeptos e simpatizantes nos ritos dedicados à Mãe dos peixes. Segundo Melo (2012), dados do IBGE colocam o estado do Rio Grande do Sul com a maior proporção nacional de adeptos de religiões afro-brasileiras:

Apesar de ser o segundo Estado mais branco do país, o Rio Grande do Sul tem a maior proporção nacional de adeptos da umbanda e do candomblé - 1,47%, quase cinco vezes o percentual da Bahia. Estão em terra gaúcha as 14 cidades com mais seguidores dessas religiões.

No tocante a essa prática religiosa e ao meio ambiente, já existe uma preocupação dentro da comunidade afro-brasileira. Nesse aspecto, podemos destacar Mãe Stella de Oxossi, Mãe de Santo, enfermeira, escritora, doutora Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual da Bahia e a primeira Iyalorixá a ocupar uma cadeira na Academia de Letras da Bahia.

Mãe Stella *Odé Kayodé*, assim como era conhecida na comunidade religiosa, publicou na página do jornal *A tarde*, o artigo “Presença sim! Presente não”, fazendo uma narrativa sobre a súplica de Iemanjá ao perceber que suas águas estavam completamente poluídas: “*Muito tempo já tinha se passado até que uma bela e harmoniosa melodia pôde ser ouvida pelo povo da Bahia. Iyemanjá cantava: 'Reúnam-se, cantem e me encantem; este é o presente que quero e posso receber a partir de agora. Não quero mais presentes, quero presença'*” (SANTOS, 2017).

A mudança de comportamento na realização de maneiras mais sustentáveis de se fazer essas oferendas é totalmente tangível e deve acontecer através da sensibilização interna dos adeptos.

Essas mudanças se transformam em atitudes como as da Mãe Stella que, ainda assim, recebeu diversas críticas da comunidade religiosa após a

sua publicação no jornal A Tarde. Mesmo assim, Mãe Stella insiste: “*Encaro o desafio e digo que a partir de 2016 o ‘Presente de Iyemanjá’ do Ilê Axé Opô Afonjá não mais poluirá o mar com presentes. Meus filhos serão orientados a oferecer Iyemanjá com harmoniosos cânticos*” (SANTOS, 2016, p. 1)

Tornou-se comum no dia 2 de fevereiro, data consagrada à Iemanjá, o acúmulo de grandes quantidades de resíduos sólidos nas praias de diversas partes do Brasil. Um exemplo disso é a Praia Vermelha, na Bahia.

Em 2016 a iniciativa Fundo Limpo recolheu, em apenas duas horas, 150 quilos desses objetos nas águas dos arredores da casa de Iemanjá, no Rio Vermelho, em Salvador, onde cerca de 600 mil pessoas participaram da maior festa para o orixá no Brasil. Só da praia, a prefeitura retirou 60 toneladas (BERETZ, 2019).

Nesse sentido, podemos dizer que os resíduos sólidos deixados na natureza pelas oferendas acabam por somar-se ao dano do meio ambiente, além de outros fatores poluentes. Aliado a isso, os terreiros e seus adeptos enfrentam outro problema que ultrapassa gerações: o racismo religioso.

Nos lugares mais humildes da periferia do Rio de Janeiro, por exemplo, diversos terreiros são constantemente destruídos por perseguição religiosa e ideológica. Esses ataques têm origens históricas na escravidão, permanecendo vivos na contemporaneidade e causando a sabotagem social dessas religiões.

Muitas pessoas utilizam da sua ética de responsabilidade ambiental para atacar as práticas religiosas das culturas afro-brasileiras. As críticas sob a forma de ataques são reflexos direto do racismo estrutural, que sempre inferiorizou e repudiou as manifestações culturais de matriz africana.

O professor e Babalorixá Rodney Willian Eugênio, escritor colunista da *Carta Capital* e doutorando em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC-SP, publicou um artigo na referida revista em que aponta isso, mas também fala sobre a importância da consciência ecológica dentro das religiões de matriz africana:

Muitos reconhecem e respeitam a cultura e a crença popular, exaltam sua riqueza e importância na construção da identidade do povo brasileiro e admitem a função espiritual da festa. Alguns veem, porém nessa devoção a Iemanjá uma série de problemas, principalmente de ordem ambiental. Embora haja muita intolerância e racismo disfarçados de consciência e preocupação ecológica [...] (EUGÊNIO, 2018).

Algumas oferendas poluem e, além disso, se tornaram um pretexto para ocultar o racismo religioso disfarçado de preocupação ecológica. Assim, tendo em vista o objetivo geral desta pesquisa, é importante a abordagem mais atenta sobre religiões afro-brasileiras no intuito de compreender se há alguma relação da sua cosmovisão com o comportamento em seus rituais.

Religiões afro-brasileiras e cosmovisão

Os africanos escravizados trouxeram dentro dos navios negreiros seus dialetos, a culinária, a dança, a música, a arte e a religião. Dados do IBGE apontam o Brasil como o maior importador de negros escravizados do continente americano:

No continente americano, o Brasil foi o país que importou mais escravos africanos. Entre os séculos XVI e meados do XIX, vieram cerca de 4 milhões de homens, mulheres e crianças, o equivalente a mais de um terço de todo comércio negreiro (IBGE, 2000).

Segundo Reginaldo Prandi (1998), doutor, escritor e especialista em Sociologia da religião, no Brasil, a história das religiões afro-brasileiras passaram temporalmente por 3 estágios significativos:

[...] primeiro, o da sincretização com o catolicismo, durante a formação das modalidades tradicionais conhecidas como candomblé, xangô, tambor de mina e batuque; segundo, o do branqueamento, na formação da umbanda; terceiro, da africanização, na transformação do candomblé em religião universal, isto é, aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial, africanização que implica negação do sincretismo, a partir dos anos 60 (PRANDI, 1998, p. 151).

Apesar de toda essa metamorfose cultural, as religiões afro-brasileiras resistem até a contemporaneidade. Contudo, o avanço do capitalismo, a construção das cidades e a diminuição dos espaços naturais são fatores que influenciam no distanciamento da relação Homem-Natureza dentro do corpo litúrgico religioso dos cultos afro-brasileiros, como salienta Guedes (2016, p. 10):

Hoje, no século XXI, as religiões estão inseridas num contexto urbano e globalizadas, onde há diversos tipos de materiais industriais que antes não eram disponíveis e que não são biodegradáveis como o plástico, parafina, isopor, entre outros [...]

Outro ponto a se pensar é sobre a dominação cristã. A visão judaico-cristã da existência de um Deus transcendental, distante da matéria e da terra, pode ter prejudicado a relação Homem-Natureza das religiões africanas aqui no Brasil.

Ao analisarmos as ideias dos autores sobre o tema, podemos chegar à conclusão de que a influência do Cristianismo distribuiu uma visão mais transcendental às divindades afro-brasileiras. Essa mudança aconteceu através do sincretismo religioso e da fusão das culturas. A partir da concepção de que a divindade se torna intocada e dissociada da terra, a Natureza perde a sua conotação divina e, por consequência, sua real importância.

Segundo Prandi (1998), a cultura afro-brasileira passa por um processo de branqueamento. Iemanjá, por exemplo, deixa de ser preta e perde suas características étnicas, ganhando outros atributos: pele branca, cabelos lisos e longos. Essa apropriação cultural ainda acontece na contemporaneidade e é um dos objetivos de luta do movimento negro.

A fim de entender o motivo do estreitamento/distanciamento na relação Homem-Natureza dentro das religiões é importante compreendemos duas principais concepções de cosmovisão: a do Deus imanente e a do Deus transcendente. Como contribuição científica para esta pesquisa, faremos uma breve reflexão sobre a ideia de Deus e natureza embasada pelo filósofo Baruch Spinoza (1632-1677), nascido em Amsterdã.

A visão do Deus imanente mostrado por Spinoza (*apud* DAMIANO *et al.*, 2014), “Deus sive natura” (Deus ou a natureza), nos revela um lado da cosmovisão das religiões afro-brasileiras que precisa ser reavivada:

O contraste com a teologia judaico-cristã é inquestionável. Ao invés de um Deus transcendente e criador do mundo, o “Deus” spinozano é imanente, ou seja, não é causa exterior, mas uma causa cujos efeitos não extravasam em si próprios [...] (DAMIANO *et al.*, 2014, p. 1).

Partindo dessa afirmação, a terra, a natureza, os processos produtores, os animais e os homens, são parte da divindade e, por conseguinte, tudo está interrelacionado. Essa cosmovisão aproxima os indivíduos dos recursos naturais e salienta a importância de uma relação mais inteligente com a natureza.

A inserção do Deus transcendente cristão na cultura africana aqui no Brasil pode ser uma das causas dos comportamentos ecologicamente inadequados nas festas de Iemanjá. A natureza perde sua devida importância quando a divindade a transcende. Uma maneira mais imanente de pensar o Divino pode ser uma das soluções para a diminuição dos poluentes nas oferendas à Iemanjá encontrados nas praias de todo o Brasil.

Iemanjá não mora no mar, uma vez que ela é imanente ao mar e é a própria energia dos oceanos. Oxum não reside nos rios, mas é a própria água doce. Ogum não é apenas um criador das ferramentas agrícolas, mas ele é o próprio ferro. Iansã é o próprio vento e Oxóssi a própria floresta.

Em teoria, o imanente ainda permanece vivo nas culturas afro-brasileiras. De acordo com Boaventura (2007, p. 222), “[...] o povo negro, muito ligado à natureza, consegue numa leitura de fé, pelo imanente, alcançar o transcendente e fazer com que a vida tenha de fato sentido”, mas, na prática, não é isso o que acontece. As oferendas nas festas de Iemanjá permanecem poluindo a natureza, tanto aquelas feitas por adeptos de religiões de matriz africana como aquelas feitas pelos não adeptos.

Nas religiões afro-brasileiras, os Orixás possuem características humanas que são associadas à uma determinada força da natureza. Essa correlação homem-natureza-divindade existente nas religiões antigas, criou diversos rituais realizados no ambiente natural a fim de agradar, apaziguar ou pedir ajuda às divindades.

Um dos rituais mais conhecidos das religiões afro-brasileiras são as oferendas que, segundo um dos líderes religiosos do Candomblé que respondeu ao formulário, “*representam a troca de energia entre natureza e ser humano. Tem por intuito o fortalecimento de ambos. Tendo em vista que o Orixá representa um elemento natural, por exemplo, Oxum representa os rios, ao ofertar Oxum, estou fortalecendo também aquela energia natural da água*”. Dispostas na natureza, como em matas, cachoeira e praia, as oferendas são maneiras de se conectar com os Orixás e pedir-lhes suas bênçãos.

Assim, para esta pesquisa, esses rituais foram acompanhados durante a festa de Iemanjá, em Tramandaí, em fevereiro de 2019. Por isso, passamos agora a abordar sobre a festa, os rituais atrelados a ela e os seus impactos ambientais.

A festa de Iemanjá: economia e resíduos sólidos em Tramandaí (RS)

Religiões de matrizes africanas como o Candomblé, utilizaram e ainda utilizam mecanismos da oralidade para perpetuar lendas, conhecimentos e informações importantes ligadas à sua fundamentação religiosa. Os ritos são passados por experiência e as histórias contadas pelos mais velhos ultrapassam gerações.

Por estar inserido nesse contexto religioso e ser Babalorixá, o pesquisador ouviu dos antigos líderes religiosos que quando os negros chegaram ao Brasil e foram escravizados eles realizaram grandes feitos para manter viva a sua cultura. Os negros escondiam os assentamentos dos Orixás de baixo de imagens de santos cristãos para criar uma confusão na mente dos portugueses, que pensavam que os negros estavam louvando seus santos.

Com isso, criou-se uma associação de santos cristãos com os Orixás: Iansã e Santa Bárbara, Ogum e São Jorge, Omulú e São Lázaro entre outros. O sincretismo religioso ocorreu em todo o país e não foi de maneira homogênea. No Rio de Janeiro, por exemplo, Oxossi é associado a São Sebastião, já em Salvador, a São Jorge.

Iemanjá foi sincretizada por Nossa Senhora dos Navegantes e comemorada juntamente com ela no dia 02 de fevereiro, dia consagrado à Santa Cristã. Em diversas partes do país, barcos lotados de presentes são levados mar adentro, pois acredita-se que a divindade fica agradada com as ofertas.

Em Tramandaí, assim como em outros lugares do país como nas cidades de Salvador e do Rio de Janeiro, além de ser um evento cultural, a festa abriga diversos interesses econômicos locais. Na região em volta do festejo da praia de Tramandaí ficam armadas barracas que disponibilizam produtos de todos os tipos, como comidas, bebidas, barcos, espelhos e velas. Ambulantes vendem flores brancas e azuis para oferecer à Iemanjá e uma grande movimentação comercial ocorre paralelamente aos rituais sagrados.

A festa de Iemanjá na cidade ocorre todos os anos e a visita realizada para esta pesquisa foi em 01 fevereiro de 2019. Os festejos iniciaram-se a partir das 21h e seguiram madrugada adentro com diversas atrações religiosas e culturais, como danças, rituais, consultas espirituais, entre outras. Segundo Rojoel Amaral, secretário de Turismo e Desporto de Tramandaí, em sua entrevista para a TV dimensão, a estimativa era de 40 mil pessoas para o evento em 2019 (DIMENSÃO TV, 2019).

A poluição no local do evento na festa de Iemanjá não é causada somente por adeptos de terreiros de religiões de matriz africana. Anualmente, simpatizantes de Iemanjá, comerciantes, turistas e visitantes também contribuem para o acúmulo de resíduos na praia de Tramandaí, como acontece em outras festas em outras cidades.

A situação atual em relação aos resíduos sólidos é preocupante, conforme dados da ONU/Brasil (ECOFY, 2020), o planeta produz mais de 2 milhões de toneladas de resíduos por ano: “[...] 99% dos produtos que compramos são jogados fora dentro de seis meses. Para acomodar os 7,6 bilhões de moradores do mundo, suprir o uso de recursos e absorver o lixo gerado, seria necessário 70% de outro planeta Terra”.

Grande parte dos resíduos gerados vão para o mar e carregados pelas correntes marinhas podem se deslocar para qualquer parte do planeta. Os processos ecológicos estão fundamentalmente interligados e, por isso, a responsabilidade com o meio ambiente também deve acompanhar esse conceito.

Segundo a revista *Galileu*, há uma ilha de lixo no Oceano Pacífico que é 16 vezes maior do que se pensava:

[...] até 2025, os oceanos do planeta estarão três vezes mais poluídos com plástico. O problema é que, de acordo com as estimativas, atualmente já existem ao menos 5,25 trilhões de pedaços de plástico com tamanho médio de cinco milímetros

Revbea, São Paulo, V. 17, Nº 2: 546-566, 2022.

que sujam as águas marítimas. Um estudo divulgado em 2016 pelo Fórum Econômico Mundial de Davos afirmou que até 2050 os oceanos terão mais pedaços de plástico do que de peixes. (REDAÇÃO GALILEU, 2018).

Nesse contexto, todas as práticas que geram danos ao meio ambiente precisam mudar inclusive a maneira como as oferendas são feitas.

A seguir, serão apresentadas as ferramentas utilizadas para a composição da pesquisa, os métodos e o processo de realização e coleta dos dados.

Metodologia

Para analisar o(s) motivo(s) que leva(m) alguns adeptos das religiões afro-brasileiras a praticarem comportamentos ecologicamente inadequados em rituais nas festas de lemanjá e trazer possíveis soluções práticas, realizamos 4 ações principais: 1) a aplicação de um questionário em adeptos de terreiros; 2) a realização de uma visita técnica à festa de lemanjá na cidade de Tramandaí, em 01 de fevereiro de 2019; 3) a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre os assuntos abordados neste artigo; 4) o desenvolvimento de ideias para a implementação de oferendas biodegradáveis.

Com foco em Educação Ambiental Crítica e aplicações da Educomunicação na disseminação de conhecimento desenvolvidos neste trabalho, sustentamos a ideia de que este artigo compreende uma pesquisa aplicada uma vez que “[...] *objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos*” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

A pesquisa usou uma abordagem quali-quantitativa, mesclando dados qualitativos, os quais envolvem a subjetividade dos respondentes nas perguntas abertas do formulário, e quantitativos, os quais compreendem informações objetivas adquiridas através da visita técnica realizada na festa de lemanjá.

Podemos dizer que métodos quantitativos “[...] *supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser*” (HAGUETTE, 1992, p. 63) e, por isso, essa pesquisa une estas perspectivas metodológicas.

No caso da pesquisa bibliográfica, podemos dizer que ela pode compreender ambas as características. Conforme Gill (1994, p. 71), a sua principal vantagem “[...] *reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente*”.

Como já salientado, a aplicação do questionário se deu através do formulário online Google Forms e teve o intuito de obter uma visão do pensamento de alguns praticantes de religiões afro-brasileiras em relação à sua percepção ecológica e aos seus comportamentos sobre as oferendas. A princípio, o questionário foi enviado para 9 adeptos e divulgado publicamente no Facebook. Ao final de 2 meses, 17 pessoas responderam.

O questionário foi composto por 10 perguntas abertas e foi respondido por 10 mulheres e 7 homens, de tempo e cargos religiosos variados, residentes nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. A idade dos participantes é bem heterogênea, de 23 a 62 anos. Os participantes aceitaram o termo de consentimento, mas para preservá-los, o questionário foi respondido anonimamente.

A saída técnica realizada foi de natureza quantitativa, ou seja, aquela que objetiva “[...] *ênfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana*” (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 33). Nessa saída técnica à Tramandaí, foram contabilizados os resíduos sólidos deixados após os rituais religiosos referentes à festa de Iemanjá.

Os festejos começaram no dia 01 de fevereiro de 2019, às 21h. Chegamos no local às 20h e a coleta de dados iniciou-se somente às 5 horas da manhã do dia 02, momento em que os festejos terminavam e os resíduos já estavam dispostos na praia ou no mar.

O pesquisador e um colega realizaram a coleta caminhando lado a lado, próximo ao mar e pela faixa de areia, respectivamente, em uma distância de 580,59m, que ia da imagem do Monumento Iemanjá, na praia de Tramandaí, até o píer, distância em que se visualizava uma maior quantidade de resíduos sólidos. A soma das distâncias que cada um caminhou totalizou mais de 1 Km.

Contabilizamos os materiais um a um, mas havia muito mais resíduos do que se conseguiu contar. O intuito era a contagem dos materiais. Depois da contagem, realizamos uma análise de dados que, conforme Teixeira (2011, p. 191), “[...] *é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando*” as informações. Com ajuda do programa Microsoft Excel foi feita uma projeção temporal (20 anos) e, por meio da pesquisa bibliográfica sobre o tempo de degradação dos materiais encontrados na natureza, obtivemos uma noção, ainda que superficial, dos impactos gerados por resíduos inorgânicos das oferendas.

Deste modo, a pesquisa bibliográfica, as respostas ao questionário, a visita técnica à praia de Tramandaí aliado aos 20 anos de vivência do pesquisador dentro das religiões afro-brasileiras, possibilitaram a análise de possíveis causas do comportamento ambiental dos adeptos de terreiro que causam a poluição nas festas de Iemanjá, os quais serão apresentados a seguir.

Resultados e discussões

Revbea, São Paulo, V. 17, Nº 2: 546-566, 2022.

A percepção de Spinoza (*apud* DAMIANO *et al.*, 2014), “*Deus sive natura*” (Deus ou a natureza), nos mostra uma outra realidade de olhar a natureza e o “todo” como sendo integrados. A afirmação de Boaventura (2007, p. 222), de um “[...] *Deus imanente intrínseco nos cultos afro-brasileiros*”, é complementar ao pensamento de Guedes (2016, p. 15), segundo o qual “[...] *os orixás são concebidos enquanto entidades imanentes – presentes nos diferentes domínios naturais dos quais são guardiões – e expressam os atributos de uma natureza sacralizada*”.

É antagônico pensar em uma cosmovisão imanente inserida em um contexto de degradação ambiental, mesmo sabendo que não são os rituais nas festas de Iemanjá as principais causas da poluição marinha.

Dentro deste raciocínio, acreditamos que alguns fatores podem ser a causa do distanciamento na relação Homem-Natureza dentro das religiões afro-brasileiras: a influência da visão cristã de um Deus puramente transcendente; a urbanização e a diminuição dos espaços naturais; a capitalização das religiões; e o aumento da produção e a comercialização de materiais inorgânicos.

De acordo com Guedes (2016), as religiões de matrizes africanas estão inseridas em um contexto contemporâneo globalizado e, por isso, utilizam materiais inorgânicos que antes não eram disponíveis. O autor afirma, também, que, antigamente, usavam-se materiais mais naturais e biodegradáveis.

Isto posto, serão apresentadas a seguir as análises dos resultados da pesquisa, iniciando pelas respostas dos formulários, no intuito de compreender a atual percepção dos praticantes afroreligiosos em relação aos materiais utilizados para a elaboração das oferendas e o comportamento dos adeptos nesse sentido.

O formulário é composto por 10 perguntas abertas e não serão divulgados os nomes dos religiosos para resguardá-los. A amostra da pesquisa alcançou adeptos das religiões de Umbanda, Batuque/Nação e Candomblé, esta última com maior número de respondentes.

As questões do formulário de número 4 a 10 são referentes às percepções sobre natureza, oferendas e orixás. A questão 4 pergunta: “4 – *As religiões afro-brasileiras têm alguma relação com a Natureza? Se sim, de que maneira essa relação acontece?*”. É perceptível em todas as respostas dos adeptos a menção de que as religiões afro-brasileiras têm relação direta com a natureza. Podemos citar aqui uma frase muito interessante de um dos participantes:

“Sim, é uma relação de coexistência na qual os adeptos reconhecem e exaltam que não há vida sem a natureza.”

Quando questionados sobre: “5 - *O que são os Orixás?*”, algumas respostas dos participantes sustentam a ideia defendida nesta pesquisa. De

acordo com eles, os Orixás são ou têm relação com a natureza. Seguem algumas respostas dos participantes:

“Deus manifesto na natureza”;

“Os Orixás são os próprios elementos que na natureza existem”;

“São divindades responsáveis pela criação do mundo, junto a Olodumare (Rodapé), segundo a teologia loruba”;

“São forças da natureza, energias ocultas”.

Os participantes do questionário também foram consultados sobre: “6 - O que são oferendas?”; “7 - Quais os materiais são encontrados nas oferendas de lemanjá?”; “8 - São utilizados materiais inorgânicos (Ex: plástico, isopor, papel..) nas oferendas para lemanjá? Se sim, cite esses materiais”. As respostas das perguntas 6, 7 e 8 coincidem com materiais orgânicos e inorgânicos que encontramos na saída técnica realizada após a festa da lemanjá:

“Comidas, perfume, espelhos, balaio, entre outros”;

“Frutas, bebidas, flores enfeites femininos”.

“Eu costumo ofertar flores e velas, mas sei que na umbanda as oferendas de lemanjá podem conter espumante, frutas, canjica, doces, barquinho, adornos, enfeites, etc.”;

“Canjica branca, cocada branca refogada na cebola de cabeça e salsinha e mel, leque, espelho, pente”;

“Barquinhos, velas, bandejas, perfumes, espelhos, papel colorido”.

Aqui já percebemos a preocupação de alguns afroreligiosos em relação à maneira como as oferendas são realizadas, por exemplo, um dos participantes respondeu que:

“Partindo do princípio de que uma oferenda é tudo que vem da própria natureza e nós apenas devolvemos a ela, assim, trocando e renovando as energias, considero uma oferenda à lemanjá as flores, o milho branco, o akasá, o ejá, as frutas pertinentes à sua ritualística e tudo que seja natural. Infelizmente encontramos em muitas oferendas, materiais que agredem a natureza (o próprio Orixá), como por exemplo pentes, espelhos, garrafas de Champagne, bijuterias, que não são elementos naturais.”

Quando questionados sobre: “9 - O que são atitudes ecologicamente corretas?”, os participantes, de modo geral, entendem o que são atitudes ecológicas. A seguir algumas respostas para elucidar essa abordagem:

“Devolver à natureza somente o que ela nos oferece. Oferendar a natureza/orixá com aquilo que não a prejudique. É contraditório amar o Orixá e

Revbea, São Paulo, V. 17, Nº 2: 546-566, 2022.

presenteá-lo com algo que fira sua existência. Devemos preservar a natureza para que o culto a Orixá continue existindo”;

“Vejo que se o orixá é força da natureza. Então devemos cuidar, não devemos desmatar, agredir ou usar de forma errada tudo aquilo que tiramos da natureza. Sendo assim, estamos agredindo o Orixá”;

“É cuidar da natureza como ela cuida de nós sem poluí-la”;

“Atitudes que evitam a degradação do meio ambiente”;

“Conscientizar a importância do uso de materiais ecologicamente correto em oferendas e gerar sentimento de responsabilidade para com o ecossistema”.

A última questão: “10 - Você considera ecologicamente correto a maneira como as oferendas são realizadas? Por quê?”. A maioria dos participantes se mostra preocupada com o impacto das oferendas no meio ambiente. Somente dois adeptos ficaram imparciais e não responderam com exatidão. Os demais disseram que é preciso elaborar melhor as oferendas para não degradar a natureza. A seguir algumas respostas dos participantes:

“Esse assunto é muito delicado porque não podemos generalizar todas as pessoas. Existe várias oferendas, várias formas de se fazer então tem que ser muito bem avaliado todos os pontos”; “Não tenho opinião formada”;

“Algumas vezes não. Pois muitas vezes encontramos garrafas de vidro, sujeira que poderiam ser descartadas de uma maneira mais responsável e consciente”;

Podemos perceber que a maioria das respostas caminha de acordo com a visão do Deus imanente desenvolvido neste estudo. De certa forma, podemos dizer que essa parcela da comunidade afroreligiosa compactua, teoricamente, com a preservação dos recursos naturais. Alguns ainda mostraram como fazer oferendas biodegradáveis.

De fato, não utilizar resíduos sólidos inorgânicos quando da montagem das oferendas é imprescindível para a manutenção dos recursos naturais marinhos. Como apresentado anteriormente, o plástico é uma das causas de poluição marinha mais comentadas por especialistas (BBC, 2017).

O descarte de materiais no mar, com ênfase no plástico, é uma das preocupações ecológicas mais significativas no mundo. Na saída técnica realizada na festa de Iemanjá, em Tramandaí, visualizamos um grande acúmulo de diversos tipos de resíduos sólidos dispostos, em grande parte, na zona entre marés: garrafas de plástico e de vidro, panos, isopores, plásticos de todos os tipos, papéis, entre outros.

Cada um desses elementos inorgânicos tem um tempo de decomposição na natureza, “[...] *praticamente quase tudo que se produz é descartável (e descartado). Por consequência, tudo é efêmero e vira lixo com pouquíssimo tempo de uso. No caso do plástico, esse curto tempo transforma-se em 450 anos até sua decomposição*” (SOVERNIGO, 2018). A influência desses materiais no meio natural marinho, em especial o plástico, modifica os meios bióticos e abióticos causando a desconfiguração da qualidade da água e afetando a vida marinha.

A quantidade exacerbada de resíduos plásticos dispostos nos oceanos prejudica a vida em diversos níveis tróficos da cadeia alimentar. Os materiais se decompõem chegando a proporções minúsculas: os microplásticos.

Os animais confundem esses materiais com alimentos, ingerindo-os. Dentro dos níveis tróficos de organização da cadeia alimentar, esses indivíduos são consumidos por outros animais predadores que também armazenam esses materiais no estômago ou mesmo em seus tecidos. Essa teia alimentar pode movimentar esses resíduos dentro dos organismos vivos em diversos níveis, haja vista que os microplásticos já foram encontrados nas fezes humanas:

Na Indonésia, trabalhadores da pesca já estão consumindo mexilhões contendo microplásticos em seus organismos. E não é somente na Indonésia, no Reino Unido e na Austrália, os mexilhões também estão contaminados por microplásticos. Quem come frutos do mar regularmente ingere cerca de 11 mil pedaços de microplásticos por ano (UNIVASF, 2019, grifo nosso).

Considerando o fato de que se vive em um planeta e que todas as coisas estão interligadas, o “lixo”, na verdade, não é “lixo”. Nada dentro desse sistema poderia ser descartado, senão reciclado e reutilizado. Esse mesmo raciocínio serve para as oferendas. A criação de oferendas biodegradáveis é de suma importância para a natureza, para a continuidade do culto afro-brasileiro e para combater a perseguição religiosa, que usa as oferendas como uma das justificativas para propagar a violência através do racismo religioso.

O fato de os números dos resíduos contabilizados na festa de lemanjá serem muito menores do que a realidade nos assusta, pois na praia havia uma imensidão de resíduos sólidos inorgânicos depois da festa. Dentro da pesquisa realizada, se as festas de lemanjá em Tramandaí permanecerem nessa projeção, em 20 anos serão descartados na natureza 1640 espelhos, 1360 garrafas pet, 1580 garrafas de vidro, 1100 pratos de plástico, 1260 pentes de plástico, 920 copos plásticos e 1420 enfeites (folhas plásticas). Os números são muito maiores do que se contabilizou e a preocupação deve ser redobrada para os eventos futuros.

Ao retomarmos as falas dos adeptos de religiões afro-brasileiras que responderam ao formulário, percebemos que há a consciência sobre os danos que as oferendas feitas com materiais inorgânicos podem causar ao meio ambiente, assim como também há a noção de Deus imanente, na qual o Orixá é a natureza.

No entanto, não podemos tomar aqui os 17 respondentes como representantes de toda a comunidade afroreligiosa. É confortante saber que ao menos estes têm uma preocupação com o meio ambiente e sinalizam para a necessidade de mudanças em seus rituais aos Orixás em prol da preservação da natureza.

Oferendas biodegradáveis: maneiras mais ecológicas de conexão com o sagrado

Por conta da vivência que o pesquisador tem nos cultos afro-brasileiros, podemos dizer que é possível a criação de oferendas biodegradáveis. Certamente, pode haver resistência de algumas partes da comunidade afro-brasileira com o argumento de que as tradições devem ser mantidas, contudo, Mãe Stella argumenta:

Quem for consciente e corajoso entenderá que os ritos podem e devem ser adaptados às transformações do planeta e da sociedade. Os ritos se fundamentam nos mitos e nestes estão guardados ensinamentos valiosos. O rito pode ser modificado, a essência dos mitos, jamais! (SANTOS, 2016).

Mãe Stella, uma das mais renomadas Mães de Santo da Bahia, já abria caminho para que as futuras gerações tomassem consciência da relevância e do significado que a natureza tem para todas as religiões de matriz africana.

De todo modo, a proteção do planeta deve ser algo natural, como tomar água e comer. O “Deus Imanente” é inerente à natureza, é inseparável e, por isso, proteger a natureza é cultuar o sagrado. Por meio dessa lógica chegaremos ao objetivo final comum: o estreitamento da relação Homem-Natureza dentro dos cultos afro-brasileiros contemporâneos através de comportamentos ecológicos em seus rituais e oferendas.

A seguir, apresentamos exemplos e métodos de oferendas biodegradáveis:

a) Garrafas

As garrafas de Sidra, refrigerantes, vinhos e outros tipos de bebidas são desnecessárias na elaboração das oferendas. O que realmente importa é o perfume (omilayó ou água de cheiro) que está dentro do recipiente ou na bebida, que pode ser derramado no mar ou na areia e as garrafas descartadas em local adequado.

b) Pratos

Os pratos de papel, plástico ou isopor podem ser substituídos por folhas de mamoneira, bananeira ou folha específica de cada rito religioso. Caso se queira usá-los para pôr a comida do Orixá, é preferível levar a oferta montada, despachar a oferenda orgânica (canjica, arroz, suspiro, cocada etc.) e descartar o prato em local adequado.

c) Espelhos

O melhor a se fazer é não despachar espelhos no mar. Comumente, espelhos adornados contêm plásticos junto da sua estrutura. Quando o adepto leva o espelho, leva também o plástico e os adornos. A melhor solução é ofertá-los em seu terreiro, casa religiosa ou altar pessoal e nunca no mar.

d) Perfumes

O melhor a se fazer é despachar o perfume no mar ou na areia da praia e descartar o frasco em local adequado.

f) Adornos

É comum encontrarmos pentes, pulseiras, batons, brincos, coroas entre outros adornos, todos compostos por materiais inorgânicos poluentes. Esses materiais devem ser colocados no terreiro, altar ou local de culto a divindade, logo, é preciso evitar seu uso e descarte no meio ambiente.

g) Barcos de isopor

Os barcos de isopor são substituíveis por barcos de madeira, menos danosos ao meio ambiente.

h) Velas

Diminuir o uso de velas também é importante, pois a parafina também polui. Cada rito deve se adequar conforme a maneira que utiliza as velas, procurando a sua diminuição.

Estas são algumas sugestões de materiais e métodos que podem ser substituídos ou ter seus usos reduzidos durante as oferendas à Iemanjá e as orientações servem também para a prática de outros rituais.

Por isso, a Educação Ambiental Crítica e o uso da Educomunicação como ferramentas de conscientização têm sua importância nas possibilidades de transformação social, tema sobre o qual discutiremos a seguir.

Educomunicação como ferramenta da Educação Ambiental Crítica

A proposta deste trabalho para a contribuição na mudança de comportamento dos adeptos de terreiros como relação à preservação do meio ambiente é que ela deve acontecer, primeiro, internamente.

O despertar do indivíduo para o seu pertencimento à natureza divinizada estimula práticas com base na realidade do “Deus imanente”, as quais podem avivar o indivíduo para a criação de oferendas mais “limpas”. Apenas apresentar oferendas biodegradáveis não resolve o problema, haja vista que a quebra de paradigmas tradicionais deve nascer democraticamente dentro dos próprios terreiros com a ajuda dos líderes religiosos, mas é um começo para a mudança de hábitos.

Assim, podemos dizer que cabe à ciência e às pesquisas como esta, o papel de desenvolver conhecimentos técnicos, culturais, sociais e filosóficos que fomentem estímulos novos e modifiquem o ser humano para um novo olhar. Além disso, essas discussões podem ser aliadas à mais informações científicas para contribuir na construção de ações ecológicas e conscientizadoras por meio da criação vídeos instrutivos, palestras, outras mídias e outros tipos de materiais didáticos, por exemplo.

A Educação Ambiental Crítica inova com as ferramentas de Educomunicação e pode criar uma relação entre os aspectos culturais das religiões afro-brasileiras e o conhecimento científico. Neste paralelo democrático podem surgir soluções para as práticas tradicionais dentro do âmbito da preservação e da proteção dos recursos naturais. Esse é um campo a ser aprofundado em pesquisas futuras, com a elaboração de materiais que estimulem a conscientização sobre a preservação do meio ambiente em consonância com as práticas afroreligiosas.

Considerações Finais

Sabemos que o descaso com o planeta é fruto de uma sociedade capitalista que põe o lucro frente aos recursos naturais. As oferendas são focos pontuais de poluição que em nada se comparam às degradações causadas pelas cidades e suas indústrias. Contudo, é necessário provocar uma mudança de comportamento no que se refere ao seu uso, pois os materiais inorgânicos presentes nas oferendas, além de poluírem, são usados como pretexto para ações discriminatórias. O racismo religioso disfarçado de preocupação ecológica é outro problema a ser debatido e resolvido.

É contraditório relacionar os comportamentos ambientais das práticas religiosas nas festas de Iemanjá, em Tramandaí, no Rio Grande do Sul, com uma cosmovisão imanente. Em contrapartida, ao analisarmos as perguntas respondidas por alguns adeptos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, percebemos que dentro da cultura religiosa afro-brasileira ainda há a interação/relação Homem-Natureza-Divindade. Os orixás

são considerados divindades imanentes, sendo assim, por que algumas das práticas nas festas de Iemanjá não seguem parâmetros ecológicos dentro do âmbito do Divino Imanente?

Supostamente, alguns fatores enfraqueceram a relação Homem-Natureza dentro das religiões afro-brasileiras como a influência do transcendentalismo divino cristão, o avanço do capitalismo com o aumento dos espaços urbanos e a diminuição dos espaços naturais, a capitalização das religiões com a comercialização de materiais ritualísticos inorgânicos e o descaso das autoridades em relação a políticas de proteção ao meio ambiente e estímulos para Educação Ambiental.

Entendemos que para que a prática nos rituais obedeça a padrões ecológicos é necessário fortalecer a relação Homem-Natureza dentro das religiões afro-brasileiras e reavivar a percepção do Deus Imanente. A Educomunicação como ferramenta central da Educação Ambiental Crítica poderá contribuir na mudança de comportamento dos praticantes de religiões de matrizes africanas por meio de mídias criativas, vídeos interativos, materiais didáticos democráticos etc., ou seja, é a fusão dos conhecimentos científicos e tradicionais em prol das mudanças na sociedade.

Devido à vivência nas religiões afro-brasileiras, o pesquisador deste estudo conheceu outras festas de Iemanjá nos estados do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Podemos afirmar, assim, os hábitos e as constatações observadas foram similares e que é um desafio para toda a comunidade religiosa a reformulação da realização de seus rituais.

Teoricamente, ainda há, dentro do pensamento coletivo dos adeptos de terreiros, a concepção de divindades imanentes, visão esta corroborada pelo questionário aplicado aos adeptos de terreiros nesta pesquisa. As respostas seguiram certo padrão, contudo, ainda há uma grande distância entre a teoria (aquilo que se observou nas respostas) e a prática nas relações afroreligiosas com o meio ambiente, como pudemos observar em nossa visita técnica, por exemplo. Pensamentos ecologicamente corretos não têm valor quando a prática segue na sua contramão.

Em suma, ainda há muito espaço para se trabalhar no aspecto da consciência ecológica dos rituais das religiões afro-brasileiras dentro da Educação Ambiental. Este trabalho, certamente, não se esgota aqui, uma vez que a ideia é que esta pesquisa permita o desenvolvimento de outros caminhos, que prossiga futuramente para as etapas de aplicação do conteúdo aqui produzido por meio da Educomunicação na criação de vídeos, lives, exposições, materiais didáticos e palestras.

Referências

BBC. Cinco gráficos que explicam como a poluição por plástico prejudica a vida na terra. **BBC NEWS BRASIL**, 16 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42308171>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Revbea, São Paulo, V. 17, Nº 2: 546-566, 2022.

BERETZ, C. Nem tudo são flores. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <<https://envolverde.cartacapital.com.br/nem-tudo-sao-flores-lemanja-e-o-lixo-no-mar/>>. Acesso em: 05 maio 2020.

BOAVENTURA, J.S. **Negritude e experiência de Deus**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/2702/2053>>. Acesso em: 14 maio 2020.

BRASIL. **Lei Nº 12.305** de 02 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 05 fev. 2020.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente**. Educação Ambiental, 2019. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/programas-projetos-e-a%C3%A7%C3%B5es.html>>. Acesso em: 04 maio 2020.

DAMIANO, G.A.; PEREIRA, L.H.P.; OLIVEIRA, W.C (org.). **Corporeidade, Educação e Tecnologias**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. Disponível em: encurtador.com.br/pwQW1. Acesso em: 14 maio 2020.

DIMENSÃO TV. Abertura do Evento de Iemanjá em Tramandaí. **Youtube**, 01 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-C4pEV2hPTc>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

ECOFY. Os R's da sustentabilidade. **ECOFY**, 29 jun. 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/humanidade-produz-mais-de-2-bilhoes-de-toneladas-de-lixo-por-ano-diz-onu-em-dia-mundial/>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

EUGÊNIO, R. W. Praia Grande festeja a rainha do mar. **Carta Capital** – Diálogos da fé, 09 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/prai-grande-festeja-a-rainha-do-mar/>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOOGLE EARTH. **Imagem Santa na praia de Tramandaí/RS até o píer**. Google, 2020.

GUEDES, P.M. **Impactos ambientais de festas de Iemanjá**: uma análise a partir da Educação Ambiental. São Paulo, 2016.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental**: no consenso um debate? Campinas, Papirus, 2000.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

IBGE. **Brasil 500 anos**, 2000. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.htm>>. Acesso em: 12 maio 2020.

IBGE. **Tramandaí**, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tramandai/panorama>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

JANBECK, J.R. *et al.* Plastic oceans. **Science**, v. 347, n. 6223, p. 768-771, 2015. UNEP/NCEAS: 2015.

JONES, F. A ameaça dos microplásticos. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, ed. 281, jul. 2019. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-ameaca-dos-microplasticos/>>. Acesso em: 06 dez. 2020.

MELO, I. Censo da fé. **GZH Geral**, 30 jun. 2012. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/06/dados-do-ibge-colocam-municipios-do-estado-como-campeoes-em-credos-3806966.html>>. Acesso em: 05 maio 2020.

PRANDI, R. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0151.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRAMANDAÍ. **Tramandaí: Histórico**, 2020. Disponível em: <http://www.tramandai.rs.gov.br/index.php?acao=conteudo&conteudos_id=11>. Acesso em: 03 jun. 2020.

REDAÇÃO GALILEU. Estudo afirma que poluição de plástico nos oceanos triplicará até 2025. **Galileu**, Meio Ambiente, 21 mar. 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2018/03/estudo-afirma-que-poluicao-de-plastico-nos-oceanos-triplicara-ate-2025.html>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTOS, M.S.A. Presença, sim! Presente, não!. **A Tarde**, 02 fev. 2017. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/opiniaio/noticias/1734286-presenca-sim-presente-nao>>. Acesso em: 04 maio 2020.

SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F.P. A pesquisa Científica. *In*: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

SOVERNIGO, A.S. Mares de plástico. **Cotidiano UFSC**, 2018. Disponível em: <<https://cotidiano.sites.ufsc.br/mares-de-plastico/>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

TEIXEIRA, E.B.A Análise de Dados na pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 1, n. 02, p. 177-201, 2011.

UNIVASF. Há microplásticos no sal, nos alimentos, no ar e na água. Saiba como eles surgem, mude hábitos e previna-se. **Univasf Sustentável**, Notícias Sustentáveis, 15 fev. 2019. Disponível em: <<https://portais.univasf.edu.br/sustentabilidade/noticias-sustentaveis/ha-microplasticos-no-sal-nos-alimentos-no-ar-e-na-agua-saiba-como-eles-surgem-mude-habitos-e-previna-se>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Revbea, São Paulo, V. 17, Nº 2: 546-566, 2022.